

**OFÍCIO DE CARPIDEIRA**  
(Josétte Gomes – Gravataí / RS)

Quem de vós pode entender  
o rio que nasce e escorre  
em ladainhas cantadas  
sem nascente, sem vertente?

Quem de vós empresta os olhos  
que secam pelas vigílias,  
testemunhando rosários  
de tristezas confessadas,  
num lamento murmurado  
que não escorre na face,  
que se agiganta sentido  
num verdadeiro motivo  
de chorar a dor alheia?

Num rancho beira de estrada...  
Na casa grande da estância...  
Nas vilas do povoado ou  
na capela do vigário...  
De preto, todas reunidas...  
Em choro... Em ladainhas...  
Em pé, ao rosário, contritas...

De mãos vazias partimos,  
solitos, das casas que  
não emprestam candeeiros  
pra iluminar a estrada  
que não permite voltar...  
As almas cegas,  
confusas, se vão...  
Nada se sabe do além...  
E os rumores, multiplicamos,  
rezam a prevenção...

Ninguém cumpre esse ofício  
de rezar ou, de chorar  
com tal fervor,  
com tal sentido de dor!  
As almas pedem por luz  
em sua hora derradeira  
e ninguém melhor entende  
de acompanhar quem se vai,  
do que as mulheres sofridas  
chamadas de “carpideiras”!

Estão sempre nos velórios,  
ninguém sabe de onde vêm...  
Choram um choro doído,  
fazem de um jeito sentido  
como se fossem da casa...  
Como se fossem parentes...  
E enquanto se vela o finado,  
elas ficam ali, do lado  
chorando incessantemente.

Elas não mostram cansaço  
não cochilam pelos cantos...  
Choram contidas ou em prantos  
intercalando qual ato...  
Se interpretam de fato  
quem de vós irá julgar?  
A dor da perda se esconde  
nos labirintos do olhar...

Choradeiras de aluguel...  
Carpideiras de velórios...  
Elas assim são chamadas...  
Mas olhem! Olhem direito!  
Possuem chagas no peito!  
Um filho partiu pra guerra...  
O marido foi levado  
Pela enchente do Uruguai...  
A filha, um malino roubou  
e, dizem que a abandonou  
nas profundezas das águas...

Olhem! Olhem bem!  
Existem sulcos na face!  
Trincou a terra do rosto  
pela ausência do rio...  
Pela ausência do “corpo”  
de quem partiu sem voltar,  
para ser velado por elas,  
no último sono do adeus...

Olhem! Elas choram!  
Choram o choro alheio...  
Choram por quem não veio!

As mulheres choradeiras  
rezam pedindo luz  
para alma que se despede  
iniciando outra viagem  
agora, rumo ao além...  
Logo vai ser plantado  
na estéril cama macia...  
No mesmo chão que não brota,  
Pois, se enterrar semente morta,  
a terra morre também...

E os parentes vão chegando...  
Amigos e, outros curiosos...  
Elas com a mesma expressão,  
seguem nessa missão  
de velar a dor alheia...  
Rezam, cantam e choram...  
Choram, pois isso fazem tão bem...  
Numa vida empobrecida  
e sem mais nada a restar  
puseram-se, então, a chorar,  
chorar a dor das partidas...